

Carolina Hartmann Galeazzi

# Espaços industriais inativos

valorização da memória e identidade urbanas  
a partir do conceito “*terrain vague*”

## Resumo

A observação da demolição de uma fábrica no subúrbio carioca evidencia a necessidade de questionar a renovação da cidade a partir da ruptura com o passado e a constante ocupação de espaços vazios. O objetivo deste artigo é fomentar a discussão sobre os espaços industriais e a valorização da memória como identidade da paisagem e da vida urbanas através do conceito de *terrain vague*, de Solà-Morales, e da análise de três renovações em contextos industriais diferentes. O Emscher Park, na região do Ruhr, na Alemanha, é um projeto realizado com foco na reestruturação natural e econômica através da preservação histórica. O Distrito 22@, em Barcelona, reconfigurou os espaços existentes com foco no aumento da densidade e produtividade. O Arte/Cidade, em São Paulo, criticou o planejamento urbano tradicional através de intervenção artística temporária, enaltecendo a informalidade e os excluídos como parte dos vazios industriais. Conclui-se que manter os vazios urbanos não quer dizer preservar o abandono, mas que é importante pensar o desenvolvimento local a partir da sua história e, assim, consolidar sua identidade.

Áreas industriais

Terrain vague

Subúrbio carioca

Antiga Fábrica de Sabão Português

## Abstract

Observing a factory demolition in a Rio de Janeiro suburb, the need of questioning the renewal of the city from the break with the past and the constant occupation of empty spaces arose. The aim of this article is to encourage discussion about industrial spaces and highlight memory as identity of urban landscape and life through the concept of *terrain vague*, by Solà-Morales, and the analysis of three renovations in different industrial contexts. Emscher Park in the Ruhr region, in Germany, was a project that focused on natural and economic restructuring through historical preservation. Distrito 22@, in Barcelona, reconfigured the existing spaces in order to achieve high density and productivity. Arte / Cidade, in São Paulo, criticized traditional urban planning through temporary artistic intervention, promoting the informality and the excluded people as part of industrial voids. It can be concluded that maintaining urban voids does not mean preserving abandonment, but that it is important to think about local development from its history and, thus, consolidate its identity.

Industrial areas

Terrain vague

Rio de Janeiro suburb

Old Portuguese Soap Factory

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Ao deslocar-me pela Linha Vermelha<sup>2</sup>, no Rio de Janeiro, acompanhei a demolição do prédio da antiga Fábrica de Sabão Português<sup>3</sup>, localizada na Avenida Brasil, no bairro do Caju. A fábrica deu lugar a um hipermercado, cuja construção teve duração de aproximadamente 3 meses, como se pode verificar nas Figuras 1 e 2. Da antiga fábrica, restou apenas a chaminé, que foi o único elemento construído tombado, e por isso foi preservada. Independentemente de valor arquitetônico, o prédio e sua história parecem não ter importância, e a partir de agora poderão ser acessados apenas por fotografias.

Figuras 1 e 2:  
Antiga Fábrica de Sabão Português em processo de demolição e o hipermercado que foi construído em seu lugar



Fonte: Fotografias realizadas pela autora em 27/06/2018 e 13/12/2018, respectivamente, a partir da Linha Vermelha.

O esvaziamento das indústrias, a substituição de “funções”, a reprodução de modelos e a modificação da paisagem urbana no subúrbio carioca trazem à tona um questionamento do viver e habitar a cidade e da necessidade de renovação a partir da sua ruptura com o passado, mas também com a exigência constante de ocupar espaços vazios. Essa renovação constitui, muitas vezes, parte de um processo de globalização e de padronização da arquitetura, ao aplicar modelos repetidos e fabricar espaços sem laços culturais e sem identidade própria, sem pensar nas consequências para a paisagem urbana e para a experiência humana no contexto metropolitano.

Existem formas de pensar o espaço “vago” ou “vazio” da cidade que não sejam de arrasá-lo e de substi-

tuí-lo pela nova construção de modelos batidos. Uma delas é o olhar para o vazio dessa área recentemente desocupada não apenas como potencial construtivo e de nova ocupação, mas capturar o potencial libertário e transformador de sua continuidade no tempo e no espaço. Nesse contexto, o olhar sobre a demolição de uma construção cheia de história levou-me a buscar outros valores de “vazio urbano”: através do conceito de *terrain vague*, de Ignasi de Solà-Morales. O objetivo deste artigo é, pois, analisar três renovações em contexto de subúrbio industrial e suas transformações urbanas que possuem, em comum, a cultura como estratégia de desenvolvimento, mas que partem de diferentes interpretações de “vazio”.

Primeiramente, o conceito *terrain vague* é apresentado. Em seguida, a discussão sobre três renovações em diferentes contextos industriais urbanos é proposta: os dois primeiros, em contexto europeu: o Emscher Park, na região do Ruhr, na Alemanha, que valoriza e mantém os vazios como estratégia de desenvolvimento; o Distrito 22@, em Poblenou, em Barcelona, que os elimina através da densificação. O terceiro exemplo é brasileiro e se trata de um experimento temporário e crítico: o Arte/Cidade, em São Paulo. Tais exemplos são analisados de forma a fomentar a discussão sobre a valorização de um passado, assim como a necessidade de preenchimento do espaço não construído, como valorização de uma identidade de caráter transformador não apenas da paisagem, mas da vida urbana.

## O CONCEITO DE TERRAIN VAGUE

Ignasi de Solà-Morales, em 1995, apresentou a fotografia como meio de conhecer ou de reconhecer a cidade. Através da imagem fotográfica, recebemos indícios ou

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

2 A Linha Vermelha é uma via expressa elevada que atravessa alguns bairros cariocas, entre eles o Caju, conectando-os ao Aeroporto Internacional e à saída da cidade. Da Linha Vermelha, é possível ver a cidade de cima, incluindo o território onde estava localizada a antiga Fábrica de Sabão Português.

3 A Fábrica de Sabão Português funcionou de 1938 a 2011, passando 8 anos fechada até ser demolida, em 2019.

impulsos físicos que dirigem numa determinada direção a construção de um imaginário que estabelecemos como de um lugar ou uma cidade determinada. Porque já vimos ou porque vamos ver alguns desses lugares, o mecanismo semiológico da comunicação se dissipa, e a memória que acumulamos por experiência direta, por narrações ou por simples acumulação dos indícios é a que, indefinidamente, produz nossa imaginação de cidade (SOLÀ- MORALES, 1995, *on-line*)<sup>4</sup>.

Segundo ele, “os espaços vazios, abandonados, onde já sucederam uma série de acontecimentos, parecem subjugar os olhos dos fotógrafos urbanos” (SOLÀ- MORALES, 1995, *on-line*), os quais ele define pelo conceito *terrain vague*, que se convertem em pontos de atenção. Não apenas para a fotografia, esses espaços trazem consigo a questão em aberto da ausência de uso relacionada ao sentido de liberdade e expectativa: “vazio, portanto, como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço do possível”. Vago não através de uma mensagem negativa, mas por meio de uma mensagem que traz perspectivas de “mobilidade, tempo livre, liberdade”. Os espaços obsoletos, onde há predomínio da memória do passado, como as áreas industriais, as estações de trem, as áreas residenciais inseguras e os lugares contaminados, parecem ter um presente de espera e parecem não fazer parte da cidade. São “lugares estranhos ao sistema urbano, exteriores mentais no interior físico da cidade, que se manifestam como contraimagem da mesma, tanto no sentido de sua crítica como no sentido de sua possível alternativa” (SOLÀ- MORALES, 1995, *on-line*).

No entanto, a arquitetura tem um papel colonizador ao impor limites, ordem e forma, introduzindo no espaço estranho ou improdutivo elementos de identidade para torná-lo homogêneo, “reconhecível, idêntico, universal”, através de transformações radicais. A arquitetura

estaria sempre do lado das formas, do distante, do óptico e do figurativo. Enquanto que, pelo contrário, o indivíduo, dissociado, da cidade contemporânea buscaria as forças em lugar das formas, o incorporado em lugar do distante, o áptico em lugar do óptico, o rizomático em lugar do figurativo (SOLÀ- MORALES, 1995, *on-line*).

Conforme Solà-Morales (1995), a cidade residual deveria ser tratada pela noção de continuidade no tempo e no espaço. A arquitetura deve atuar no *terrain vague* não por meio de um poder agressivo e de razões abstratas, mas “através da atenção à continuidade. Não da continuidade da cidade planejada, eficaz e legitimada, mas, todo o contrário, através da escuta atenta aos fluxos, das energias, dos ritmos que o passar do tempo e a perda dos limites têm estabelecido” (SOLÀ- MORALES, 1995, *on-line*), aquele da busca pela identidade, do encontro do presente e do passado, da expressão das liberdades individuais:

[...] nossa cultura pós-industrial reclama espaços de liberdade, incerteza e improdutividade, mas desta vez não ligados à noção mítica de natureza, mas à experiência da memória, do fascínio romântico pelo passado como arma crítica contra o presente banal e produtivista (...) gerenciar, preservar, reciclar os *terrain vague*, os espaços residuais da cidade, que não pode ser simplesmente reorganizá-los para integrá-los de novo no tecido eficiente e produtivo da cidade, cancelando os valores que seu vazio e ausência tinham. (...) pelo contrário, é esse vazio e ausência que devem ser salvos a todo custo, o que deve fazer a diferença entre o federal *bulldozer* e as abordagens sensíveis a esses lugares de memória e ambiguidade (SOLÀ- MORALES, 1996, p. 23).

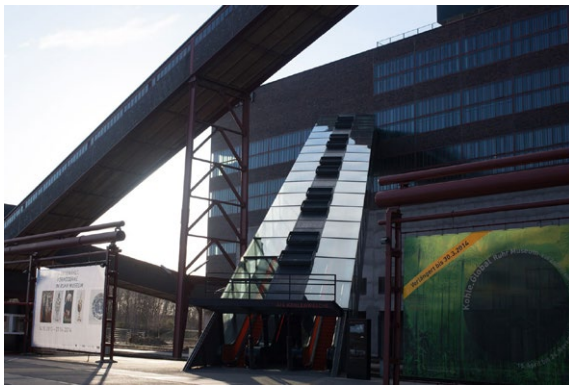
A partir desses conceitos, três propostas de abordagens distintas serão analisadas a seguir. A primeira delas acontece ao longo de um rio em que terras utilizadas inicialmente para mineração foram recuperadas, renaturalizadas, e que, apesar de não ser uma área urbanizada consolidada, presta atenção à sua continuidade.

## PARQUE EMSCHER, ALEMANHA

Iniciado em 1989 pelo Estado e realizado a partir de investimentos público-privados, o *Internationale Bauausstellung (IBA) Emscher Park* foi uma exposição internacional de construção, produzida como parte das ações de reestruturação econômica da região do Ruhr, com o objetivo de mudar o rumo da história da região como resposta ao seu declínio industrial. A região do Ruhr adensou-se durante a primeira metade do século XX, com o deslocamento gradual da população rural e sua rápida aglomeração junto às indústrias, principalmente de carvão e aço, o que gerou alta poluição ambiental. A partir de 1970, a região entrou em crise não apenas a partir da desindustrialização que gerou desemprego, mas também

<sup>4</sup> O texto original encontra-se em Anyplace, De. Cynthia C. Davidson, Anyone Corporation (NY) / The MIT Press (Cambridge, Massachusetts), 1995. O texto em português foi traduzido por Igor Fracalossi e está disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-35561/terrain-vague-ignasi-de-sola-morales>. Acesso em 09 jul. 2018.

Figuras 3 e 4: Exterior e interior do Complexo Zollverein, uma antiga usina de carvão e uma das edificações renovadas através de intervenções pontuais, adaptadas para a preservação dos prédios existentes



Fonte: Fotografias realizadas e cedidas por Rodrigo Cauduro (2014).

pela “falta de qualidade urbana e paisagística”, conforme observa Ganser (2000 *apud* FARIA, 2004, p. 10), geógrafo e coordenador do projeto.

O projeto desenvolveu-se em torno de cinco temas: a integração e recuperação das antigas áreas industriais e de mineração ao longo do rio Emscher; a reorganização do sistema ecológico do rio Emscher; a criação de empregos e a atração de atividades econômicas para a região; a proposição de novos usos para os antigos edifícios industriais, valorizando a cultura e a elaboração e implementação de novos projetos habitacionais e urbanos integrados (IBA Emscher Park, s.d.). No lugar de utilizar a tábula rasa e o desenvolvimento sobre novos traçados de um plano rígido e autoral, o IBA planejou a preparação de um território de aproximadamente 800 quilômetros quadrados, buscando tornar a região atraente e, assim, influenciar a economia e a sociedade. A qualidade arquitetônica foi um dos pilares de desenvolvimento que, através do gerenciamento descentralizado, possibilitaria o planejamento urbano de baixo pra cima. Tal estratégia visava envolver a população no aprendizado da valorização histórica, que poderia intervir ativamente na transformação, além da interdisciplinaridade, na integração econômica – ambiental e social – e na revalorização dos símbolos para a formação de uma identidade regional (FARIA, 2004).

O desenvolvimento e a implementação dos projetos implicaram novas perspectivas de ver e pensar o desenvolvimento da região. Com o envolvimento de diversos organismos da sociedade, públicos e privados, da população e da opinião pública dos 17 municípios envolvidos no programa, houve um progressivo aumento da aceitação do projeto (CASTRO, 2014). Seus objetivos específicos

se prendem às áreas de desenvolvimento urbano, social, cultural e ecológico, considerados (sic)

como setores básicos para impulsionar e direcionar as mudanças numa antiga região industrial em processo de transformação. O projeto existe para assistir a esse processo: ao empregar uma exposição da construção como instrumento prático, o IBA transforma essa exposição numa central de discussões políticas e profissionais, voltada especificamente ao debate do desenvolvimento da região. (CASTELLO, 2003, *on-line*).

Um dos pontos de partida foi o de considerar a paisagem natural e a bacia hídrica como recursos de infraestrutura. A limpeza de 70 km de extensão, com a regularização dos cursos d’água do rio Emscher e a regeneração da vegetação, valorizou a qualidade estética e ecológica da região. Os monumentos industriais passaram a ser concebidos conceitualmente como transmissores de uma mensagem cultural, como signos de presença de uma identidade regional na paisagem. Os projetos não buscaram negar o passado industrial que dominou na região, não almejavam criar novas paisagens. Os projetos precederam os planos reguladores, implicando uma forma de pensar inovadora para o planejamento europeu, calcada em bases semi-intuitivas, e a percepção fenomenológica do espaço (CASTELLO, 2003).

Ao mesmo tempo, foi uma operação midiática e de destaque formal, ao atrair arquitetos renomados e estimular grandes projetos inovadores, a partir da reutilização de antigos *brownfields* e edifícios existentes, mantendo o patrimônio industrial que até então tinha uma simbologia de decadência, como se pode observar nas Figuras 3 e 4. Concomitantemente a isso, operações de regeneração urbanas foram realizadas, integrando habitação, transporte, assim como o estabelecimento de espaços públicos de qualidade, atividades econômicas e comerciais (LUSSO, 2014).

Segundo Castello (2003), o Projeto IBA Emscher

Park é uma destacada experiência de arquitetura e de desenvolvimento regional e que poderia ser reconhecida como “uma chamada à sustentabilidade da subjetividade coletiva: um instrumento para garantir a permanência da subjetividade, daquela subjetividade compartilhada pelos moradores da Região em relação a seus lugares” (CASTELLO, 2003, *on-line*). No entanto, até o momento, apesar de os objetivos urbanos, ambientais e da renovação de uma imagem terem sido alcançados, os impactos econômicos e sociais ainda estão incertos, pois os equipamentos culturais estão numa busca constante de investimentos externos para sobreviver, e os visitantes são escassos e aleatórios (LUSSO, 2014).

Da mesma forma que o Emscher Park, o próximo caso também nasce da transformação de um espaço urbano industrial em declínio, porém em área consolidada da região metropolitana de Barcelona. Lá parece que “todo espaço vazio é preso ao frenesi de encher, de preencher” como disse Koolhaas (1985, p. 156) sobre o processo de reconstrução de Berlim, deixando a história e o vazio em segundo plano. Seu comentário poderia aplicar-se ao projeto Distrito 22@, em Barcelona, como verificaremos a seguir.

## DISTRITO 22@, BARCELONA

O projeto 22@ Barcelona prevê a transformação do seu distrito industrial Poblenou. A própria prefeitura apresenta o projeto como

um inovador distrito produtivo, dotado de excelentes infraestruturas, que oferece mais de três milhões de metros quadrados de espaços modernos, tecnológicos e flexíveis no centro de Barcelona, para a concentração estratégica de atividades intensivas em conhecimento (...) a renovação das áreas industriais de Poblenou permite criar até 3.200.000 m<sup>2</sup> de espaços produtivos, aumentar entre 100.000 e 130.000 os postos de trabalhos localizados na área, construir entre 3.500 e 4.000 novas habitações e obter 220.000 m<sup>2</sup> de solo para novos equipamentos e zonas verdes” (22@BARCELONA, 2005, *on-line*).

Conforme Leite (2012), a Prefeitura foi a principal promotora desse projeto, que visa criar um bairro denso de elevada qualidade urbana, necessária para a atração das atividades intensivas em conhecimento e tecnologia. Para isso, modificações no plano geral metropolitano de 1976 (MPGM) foram aprovadas no ano 2000, gerando as condições necessárias para estimular o desenvolvimento das atividades econô-

micas da nova indústria da era pós-industrial, a da informação. Aposta na complexidade, rompendo com a exclusividade de uso industrial e propondo a mistura de usos: tecnológicos, escritórios e indústria urbana, assim como habitação, hotéis, apartamentos de aluguel vinculados a empresas, determinados usos comerciais e equipamentos de apoio à comunidade e ao sistema produtivo (22@BARCELONA, 2005).

Há aumento no coeficiente de aproveitamento de uso do solo como parte de um sistema de incentivos, possibilitando que os projetos de renovação urbana contribuam para a reurbanização de todas as ruas do setor e gerem novas zonas verdes. Além disso, o plano de infraestruturas (PEI) foi criado para garantir a modernização da infraestrutura, das redes e telecomunicações, do transporte etc. Aposta em um modelo urbano “compacto, diverso e sustentável”, que tenha um uso mais “eficiente” do solo, e pretende posicionar-se como espaço de referência em nível europeu no marco das tecnologias da informação e de comunicação (22@BARCELONA, 2005).

Conforme Cubelles e Pardo (2011), Poblenou, conhecida como “Manchester Catalã”, já foi a protagonista da revolução industrial da Catalunha, predominando ali a produção têxtil nos séculos XVIII. No século XIX, o processo de atividade industrial na área se expande com o estabelecimento de empresas nos setores metalúrgico e automotivo nos anos 1940. Porém, em meados da década de 1960, iniciou-se uma fase de declínio progressivo da atividade econômica do bairro, em grande parte devido ao fortalecimento da Zona Franca de Barcelona, modificando sua produtividade, ao instalarem-se lá, principalmente, empresas relacionadas à logística e a serviços de transporte. A Poblenou entrou em um processo de regressão e de conversão de atividades, até o projeto 22@ Barcelona propor uma operação de substituição do tecido produtivo e de regeneração urbana (CUBELLES e PARDO, 2011).

No entanto, há atividades que são necessariamente excluídas com a nova regulamentação, que estabelece um uso misto de terra: as atividades industriais tradicionais incompatíveis com o novo espaço de produção focado em uma nova economia. As empresas não incluídas no novo plano urbano foram obrigadas a deslocar-se para novos espaços metropolitanos ou a encerrar atividades. Nesse sentido, a interpretação das relações entre as atividades econômicas e as conexões do novo espaço urbano, assim como a especulação imobiliária originada por essas modificações, pode ser entendida a partir do conceito de gentrificação produtiva. Embora a indústria tradicional e outras atividades introduzam inovação em seus processos produtivos, ocorre uma expulsão de atividades industriais tradicionais devido a direti-

vas urbanas contrárias à sua existência (PALLARES-BARBERA *et al.*, 2010).

Segundo Leite (2012), apesar de o poder público ter tentado envolver a comunidade nas decisões de projeto, houve muita resistência da população local no que diz respeito às transformações do bairro. Para eles,

a proposta de planejamento da prefeitura é agressiva, pois desfigura a paisagem original do bairro, propõe uma altura excessiva para os novos edifícios e permite a ocupação do interior das quadras até então reservadas como espaço semiprivado (...) embora o projeto tenha muitos elementos do tradicional e invejável urbanismo cidadão catalão, o sintoma agora neste território é o pragmatismo, em que consulta e participação perdem prioridade para os novos empreendimentos do mundo globalizado” (LEITE, 2012, p. 232).

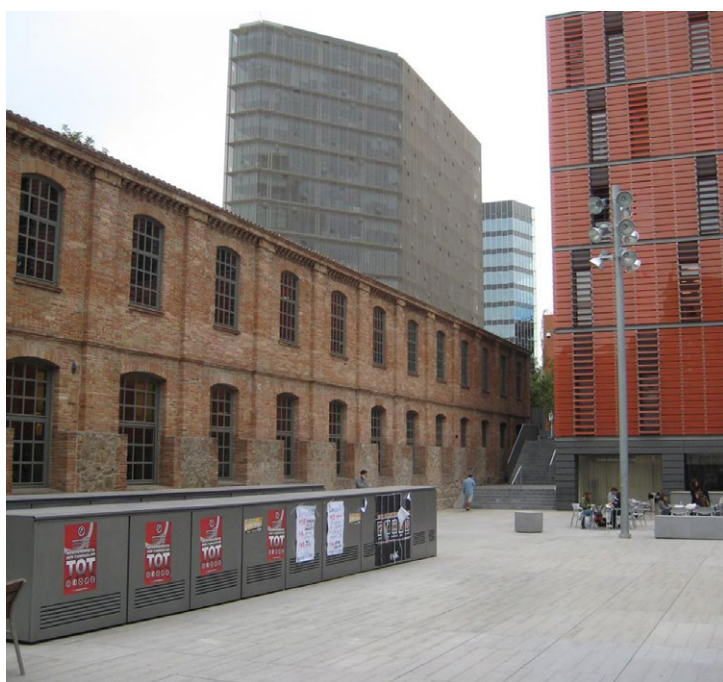
Depois de muita pressão dos moradores do bairro, a prefeitura fez um plano que permitiu preservar mais de uma centena de “elementos históricos”, a maioria deles chaminés e fachadas de fábricas antigas, inteiramente reconstruídas por dentro (CUBELLES e PARDO, 2011). Nesse sentido, o 22@ apresenta uma importante ruptura com as melhores práticas de outrora. Segundo Derivi (2011), que realizou algumas entrevistas no bairro, o Poblenou foi, até o final dos anos 1980, um bairro periférico, desconectado da cidade, que, por esta razão, constituiu uma forte

identidade social. Trata-se de uma região operária, influenciada pelo comunismo e pelo anarquismo, que mais tarde foi ocupada por artistas libertários, atraídos pelas construções industriais abandonadas. Os *terrain vague* resultam nos melhores lugares de sua identidade, de seu encontro entre o presente e o passado, ao mesmo tempo que se apresentam como o único reduto incontaminado onde é possível exercer a liberdade individual ou de pequenos grupos (SOLÀ-MORALES, 1996).

A imagem que fica é dos prédios novos, ícones dos tempos mais contemporâneos, como se pode observar nas Figuras 5 e 6. Ou, ainda, dos terrenos já vazios após demolições em processo de transformação. Antigos moradores dizem que o novo bairro se tornou um lugar de “medidos”; há outros que dizem que está mais seguro e com energia renovada. Porém, as pessoas concordam que o projeto fechou as portas para a participação cidadã assim que foi aprovado e questionam: “Em se tratando de um empreendimento criativo, que pressupõe inteligência coletiva, por que a população original não foi convidada a participar dessa visão?” (DEVIRI, 2011).

Apesar de reconhecer que estão ocorrendo outras conexões artísticas, muito ligadas às novas tecnologias, artistas sentem falta da liberdade transgressora do passado, lamentam o excesso de controle: “Não se pode projetar a espontaneidade e o imprevisto”. Ainda é uma área aonde as pessoas vão apenas para trabalhar (DEVIRI, 2011). Solà-Morales já havia prescrito que “só uma arquitetura do dualismo, da diferença, da descontinuidade, instalada na continuidade do

Figuras 5 e 6: Novo Campus De La Comunicació Poblenou. Arquitetura contemporânea integrada com o legado industrial, restauração concluída em 2008



Fonte: Fotografias realizadas e cedidas por Ítalo Galeazzi (2009).

tempo, pode fazer frente à agressão angustiada da razão tecnológica, do universalismo telemático, do totalitarismo cibernético, do terror igualitário e homogeneizador” (SOLÀ-MORALES, 1995). Deve-se gerenciar, preservar e reciclar os *terrain vague*, os espaços residuais da cidade, sem cancelar os valores que seu vazio e ausência tinham (SOLÀ-MORALES, 1996).

Em Barcelona, no Poblenou, a agressividade do empreendedorismo, a necessidade de produção tecnológica e a inserção no mercado europeu falaram mais alto que a demanda e a preservação da memória local. Em São Paulo, o Arte/Cidade, projeto de cunho artístico e político, criticou essa forma de planejamento urbano “eficiente” e excludente através de intervenções temporárias.

## ARTE/CIDADE, SÃO PAULO

Arte/Cidade é um projeto de intervenções urbanas realizadas em São Paulo, entre 1994 e 2002, e teve quatro edições: a primeira ocorreu num matadouro desativado, na região Sul da cidade. A segunda aconteceu no Centro, em três edifícios e na área por eles demarcada, cortada por um viaduto. A terceira deu-se ao longo de um ramal ferroviário, na região Oeste. A última, em 2002, foi realizada na região leste da cidade, antiga área industrial, em um recorte de cerca de 10 quilômetros quadrados (BRISSAC, 2004), que é a intervenção analisada a seguir.

A partir da compreensão de metrópole contemporânea, da sua complexidade e dinamismo, o Arte/Cidade vem questionar, através de intervenções, o estatuto e os procedimentos convencionais da Arte, da Arquitetura e do Urbanismo, “na medida em que enfrentar os processos engendrados pela globalização exige transcender as abordagens e técnicas estabelecidas” (BRISSAC, 2004, p. 85), propondo-se a discutir novas estratégias urbanas e artísticas de intervenção em megacidades, transcender a locação imediata e remeter ao vasto território da megacidade e a reconfigurações globais da economia, do poder e da arte. Segundo Brissac, do ponto de vista estético,

as diversas intervenções artísticas talvez possam ser vistas como, em parte, ainda comprometidas com estratégias escultóricas em grande escala, percepção fenomenológica de objetos colocados no espaço. Diversos outros parâmetros conceituais e operacionais ainda precisariam ser introduzidos nessa prática artística para que seus efeitos sejam mais intensos e abrangentes. Estratégias que permitam confrontar os aparatos institucionais, discursivos e

econômicos próprios da cidade e do “mundo da arte”. Evidenciar como a produção do espaço urbano e da cultura – bem como a recepção desse processo – tem se tornado cada vez mais submetida às relações econômicas e de poder (BRISSAC, 2004, p. 86).

Com um custo de 1,5 milhão de reais, o projeto teve o patrocínio da Petrobras e do Sesc-SP e envolveu 24 intervenções em uma área de 10 mil metros quadrados (PEREIRA, 2007). Segundo Brissac (2004), curador da intervenção, diante da nova relação entre arte e desenvolvimento urbano, as respostas alternativas para projetos de intervenção nas metrópoles em processo de reestruturação global poderiam englobar

propostas de configurações e usos de infraestrutura que intensifiquem e diversifiquem as articulações na trama metropolitana. Intervenções programáticas potencializadoras de situações urbanas, em relação direta com as comunidades, distintas de obras ditadas pelo desenho existente da cidade e pelos interesses econômicos e sociais dominantes. Uma possibilidade de introduzir novas estratégias urbanas (BRISSAC, 2004, p. 87).

Tentou-se evitar o entendimento do espaço como expositivo, buscando compreendê-lo como um lugar pelo qual o cidadão também é responsável, não como espectador, mas como morador da cidade. Buscou-se evitar a fruição turística, por isso demandou do público morador e não morador a exploração do lugar. Enquanto as cidades estão adotando estratégias de monumentalização voltadas para o marketing, para a promoção imobiliária e o turismo cultural, o Arte/Cidade procurou evitar a espetacularização inerente a esses processos (PEIXOTO, 2000 *apud* SOUZA, 2016).

Das 24 intervenções, o Ateliê Van Lieshout<sup>5</sup> propôs uma arquitetura móvel, baseada na prestação de serviços, dinamizando o vazio a partir da ativação de um espaço nômade nesses intervalos urbanos. Uma crítica à monumentalidade arquitetônica dos projetos de redensolvimento urbano propostos para essas regiões. Vergara<sup>6</sup> também se inspira na atuação dos camelôs. Propôs uma intervenção sobre

5 Informações sobre o autor e mais informações sobre o trabalho desenvolvido estão disponíveis em <http://www.artecidade.org.br/novo/lieshout.htm>. Acesso em 09 jul. 2018.

6 Informações sobre o autor e mais informações sobre o trabalho desenvolvido estão disponíveis em <http://www.artecidade.org.br/novo/vergara.htm>. Acesso em 09 jul. 2018.

a situação aparentemente inerte da ocupação do vazio, inibido pelo rígido programa pré-estabelecido do planejamento urbano. Sugeriu a instalação de elementos inacabados, que insinuem um possível padrão de ocupação, exponenciando uma característica básica de toda a região: sua indeterminação, o caráter informe dessa complexa configuração urbana (ARTE/CIDADE, [2002?]).

O trabalho de Krzysztof Wodiczko<sup>7</sup> consistiu em equipar as populações migrantes para as batalhas pela ocupação dos espaços intermediários, os intervalos indefinidos entre os enclaves de habitação e de comércio, as grandes estruturas arquitetônicas que dominam a paisagem urbana. Conforme Brissac, os migrantes, assim como aqueles que atuam numa atividade ou ocupam uma área de modo informal

operam uma máquina de guerra contra as políticas urbanas, os sistemas infraestruturais, os empreendimentos imobiliários que determinam a estruturação fechada e excludente da cidade. Através de seus deslocamentos e atividades paralelas, eles constituem territórios moventes e dinâmicos (...) como uma máquina de expansão e ocupação do território, eles funcionam nos interstícios, desenhando de outro modo a metrópole (ARTE/CIDADE, [2002?]).

A proposta de Schie 2.0 e Urban Fabric<sup>8</sup> consistiu em transformar parte de um cinema num gramado e em quadras de futebol e pistas de skate nas ruas adjacentes, através de pinturas no chão. A própria condução das atividades nesses espaços metamorfoseados ficaria por conta da comunidade: uma organização de auxílio às crianças de rua da área. Aqui, o *terrain vague* é visto como um campo a ser intensificado (ARTE/CIDADE, [2002?]). Koolhaas propôs a instalação de um elevador em um prédio ocupado (no Edifício São Vito, que não foi possível realizar devido à interferência de traficantes do local). Segundo Koolhaas<sup>9</sup>,

se um novo urbanismo é possível, não se tratará mais da disposição de objetos mais ou menos permanentes, mas da irrigação de territórios. Ele não

7 Informações sobre o autor e mais informações sobre o trabalho desenvolvido estão disponíveis em [http://www.artecidade.org.br/novo/txcurador\\_wodi.htm](http://www.artecidade.org.br/novo/txcurador_wodi.htm). Acesso em 09 jul. 2018.

8 Informações sobre o autor e mais detalhes sobre o trabalho desenvolvido estão disponíveis em <http://www.artecidade.org.br/novo/schie.htm>. Acesso em 09 jul. 2018.

9 Informações sobre o autor e o trabalho desenvolvido estão disponíveis em <http://www.artecidade.org.br/novo/koolhaas.htm>. Acesso em 09 jul. 2018.

buscará mais configurações estáveis, mas a criação de campos que acomodem processos que resistam a ser cristalizados em formas definitivas. Não a imposição de limites, mas a supressão de fronteiras. Não a identificação de elementos, mas a descoberta de híbridos. Não mais obcecado com a cidade, mas com a manipulação da infraestrutura para infinitas intensificações e diversificações, curtos-circuitos e redistribuições – a reinvenção do espaço urbano (...) será que São Paulo promoverá as condições para se integrar na economia e na rede das metrópoles globais? Ou ainda: poderia essa reconfiguração se fazer em moldes arquitetônicos e urbanísticos distintos daqueles impostos pelo capital corporativo internacional? (ARTE/CIDADE, [2002?])

As propostas desenvolvidas pelo Arte/Cidade indicam alternativas para a reestruturação global da cidade que origem políticas urbanas descentralizadas, baseadas na ativação dos espaços intersticiais na heterogeneidade espacial, social sem excludentes e em diferenciais de velocidade. Sugerem igualmente trabalhar na interseção desses diferentes vetores, nos intervalos surgidos no tecido fragmentado e nos fluxos descontínuos da megalópole. As intervenções assumem alto grau de experimentação, lidando com variáveis que escapam à previsão e ao controle, integrando o jogo dos atores no espaço urbano, uma indeterminação que é própria da cidade (BRISSAC, 2004).

Nesses trabalhos, a memória não era diretamente abordada, mas o resgate da experiência da população excluída, assim como seu reconhecimento e legitimação, transformando a visão dominante que vê essas experiências pela negatividade, valorizando-as como experiências cidadãs (PEREIRA, 2007). A ocupação de *terrains vagues* reconhece a história recente, calcada pela informalidade e pela itinerância, como camelôs, moradores de rua e catadores de papel. A informalidade, característica da Zona Leste de São Paulo, foi incorporada como modelo de ação em certos aspectos do projeto, não apenas como denúncia social, mas como potencial instrumental de ação e de compreensão diante da realidade contemporânea da megacidade (SOUZA, 2016). Ou seja, sugere a inclusão dos excluídos e o reconhecimento de sua importância social como potencial transformador do espaço urbano.

Dos exemplos vistos, podemos concluir que indústrias inativas são definitivamente lugares que possuem alto potencial de adaptabilidade e de ocupação, seja perene ou temporária, para criar espaços urbanos não usuais e não padronizados. O fim da funcionalidade inicial de uma edificação não significa o fim



de sua vida útil ou a sua morte, mas, sim, a possibilidade de criar relações entre o passado e o presente, costurando narrativas históricas e construindo a identidade do lugar.

## OS TRÊS CASOS E OS FUTUROS PERDIDOS DE UMA ANTIGA FÁBRICA DE SABÃO

Os três casos analisados apresentam abordagens diferenciadas sobre seus vazios industriais. O Parque Emscher, localizado em região periférica e cuja baixa densidade construída do entorno permite uma relação intensa com a natureza, acaba por recuperar a paisagem, reforçando a história através da manutenção das construções industriais e de uma reinterpretação de seu uso principal. A implantação do Distrito 22@ virou modelo de planejamento urbano, e o seu cunho empreendedor desconsiderou a preservação da história do lugar, sobrepondo-se à conjuntura anterior como um novo modelo urbano. A qualidade de vida proposta tem como principal objetivo atrair investimentos e atividades que ativem a economia de modo eficiente. Já o Arte/Cidade, de forma indireta, questionou muitas características do Distrito 22@.

Em termos de modificação territorial, percebeu-se a importância do Estado para modificar planos que limitavam a transformação dos espaços, ao menos de uma maneira “formal” e consolidada. Além disso, todos os projetos envolveram marketing urbano para o alcance almejado: seja virar um marco europeu, no caso do Parque Emscher e do 22@, ou atingir habitantes e gestores da cidade para questionar um modelo, como foi o caso do Arte/Cidade. Os dois projetos europeus foram dirigidos pelo Estado e tiveram investimentos de capital público e privado. O Arte/Cidade teve patrocínio de empresas estatais e privadas. Os dois primeiros são intervenções perenes, o último, temporária, mas com o “sonho” de ver um futuro modificado. Enquanto os moradores de Poblenu choraram – e ainda choram – a perda da arte espontânea praticada no lugar, o Parque Emscher e o Arte/Cidades evocaram a arte como potencial atrativo.

Apesar de o Emscher Park ter feito parte de um grande projeto urbano, suas indústrias preservadas parecem manter aquele vazio como “espera” e “espaço do possível”. Já o Distrito 22@, mesmo com poucos prédios preservados, reconfigurou completamente o uso, extinguindo, inclusive, a memória física, mas não o psíquico e o imaterial que perdurarão por certo tempo. Foram implementados a partir de planejamento urbano estratégico desenvolvimentista, utilizando a forma e a estética como pilares de

desenvolvimento.

O projeto Arte/Cidade, talvez, foi o que mais colocou em prática o questionamento proposto por Solà-Morales através do conceito de *terrain vague*, deixando influências imateriais, o qual volta a situação espacial anterior à intervenção artística. No entanto, manter os “vazios urbanos” não quer dizer que o abandono completo das regiões industriais deva ser mantido, mas que é importante pensar o desenvolvimento local sem cortar o fio da história. Caso contrário, evidências de um passado industrial – e de um presente de ocupação informal –, pouco a pouco, serão substituídas por novas funções que, potencialmente, serão substituídas por outras, e que, para que se acesse a memória, serão necessários registros fotográficos. Ainda, os futuros que poderiam ter sido pensados para a edificação da antiga Fábrica de Sabão acabam por permanecer apenas no nosso imaginário, mas ainda é possível evitar a demolição de tantas histórias de polos industriais desativados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 22@BARCELONA. **El proyecto 22@barcelona**. Barcelona, setembro de 2005. Disponível em <http://www.22barcelona.com>. Acesso em 09 jul. 2018.
- ARTE/CIDADE [2002?]. Disponível em <http://www.artecidade.org.br/indexp.htm>. Acesso em 09 jul. 2018.
- BRISSAC, Nelson. Arte/Cidade: um balanço. In: **ARS**, ano 2, nº 3, Revista do Departamento de Artes Plásticas. ECA| USP, São Paulo, 2004.
- CASTELLO, Lineu. Da sustentabilidade da subjetividade: o projeto IBA Emscher Park. In: **Vitruvius**, novembro 2003. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/636>. Acesso em 20 jun. 2020.
- CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de. Projetos urbanos e preservação na Região do Rhur – Alemanha. In: **III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**, 2014, São Paulo.
- CUBELLES, Xavier; MUNOZ, Pere; PARDO, Jordi. El proyecto global e histórico de Distrito 22@ de Barcelona. In: **Ekonomiaz**, nº 78, janeiro de 2011.
- DERIVI, Carolina. A cidade cíclica. In: **Página 22**. Junho 2011. Disponível em <http://pagina22.com.br/2011/06/10/a-cidade-ciclica/>. Acesso em 09 jul. 2018.
- FARIA, Luis Pinto de. Emscher Park IBA: corrigir o passado, prevenir o futuro. In: **A Obra Nasce**, nº

01. Porto: Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa, 2004.
- IBA Emscher Park [2018?]. Disponível em <https://www.open-iba.de/en/geschichte/1989-1999-iba-emscher-park>. Acesso em 09 jul. 2018.
- KOOLHAAS, Rem. Toward the Contemporary City, in: **Design Book Review**, n.17, Winter 1989, pp. 15–16. Berkeley: California College of Arts and Crafts, 1989.
- KOOLHAAS, Rem: Imagining the Nothingness, in: Lucan, Jacques (Ed.). **Rem Koolhaas, OMA** (pp. 156–157). Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1990.
- LEITE, Carlos. **Cidades sustentáveis, Cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urano**. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- LUSSO, Bruno. Les équipements culturels de la vallée de l'Emscher (Ruhr, Allemagne): de la régénération urbaine au développement d'une économie culturelle et créative. In: **Belgeo** [On line], 2014. Disponível em <http://journals.openedition.org/belgeo/13358>. Acesso em 25 jun. 2020.
- PALLARES-BARBERA, Montserrat; DOT JUTGLA, Esteve; CASELLAS, Antonia. Gentrificación productiva en Barcelona: efectos del nuevo espacio económico. In **IV Jornadas De Geografía Económica**. Grupo de Geografía Económica de la AGE. León, julho de 2010.
- PEREIRA, Verônica. Memória industrial e transformações urbanas na virada do século xxi: os casos do Brás, Mooca, Belenzinho e Pari. In: **INTERFACEHS – Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente** - v.2, n.4, Artigo 6, agosto de 2007.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi. Presentes y Futuros. La arquitectura en las ciudades, In: **XIX Congreso UIA**, Barcelona, 1996.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi. *Terrain Vague* (1995). Tradução: Igor Fracalossi. In: **Archdaily**, Março de 2012. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/01-35561/terrain-vague-ignasi-de-sola-morales>. Acesso em 24 jun. 2020.
- SOUZA, Gabriel Girnos Elias de. **Percepções e Intervenções na Metrópole: a experiência do projeto Arte/Cidade em São Paulo (1994 a 2002)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Engenharia, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016.
- WENDERS, Wim. IN. Entrevista de Wim Wenders a Hans Kollhoff (Tradução: Diana Teresa Di Giuseppe), in: **Espaços e Debates**, nº 38. São Paulo, Neru, 1994. ■

**Carolina Hartmann Galeazzi** é arquiteta e urbanista, possui mestrado em Desenho e Engenharia Ambientais (Environmental Design and Engineering - Bartlett School of Graduate Studies/UCL) e doutorado em Urbanismo (PROURB/UFRJ). É professora adjunta do Setor de Tecnologia do Meio Ambiente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ.  
[carolina.galeazzi@fau.ufrj.br](mailto:carolina.galeazzi@fau.ufrj.br)